

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

●
*Estudos
de
Antropologia
Física*

Vol. 8
1990

MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CONSANGUINIDADE APARENTE DA POPULAÇÃO DA CANDELÁRIA

Manuela Lima

Departamento de Biologia da Universidade dos Açores

RESUMO. Neste trabalho efectua-se a análise da evolução do coeficiente de consanguinidade aparente da freguesia da Candelária ao longo de 100 anos. O isolamento insular próprio dos Açores, neste caso da ilha de S. Miguel, onde esta freguesia se integra, e as dificuldades de comunicação da própria freguesia são os principais responsáveis pelos valores dos coeficientes de consanguinidade aparente encontrados neste estudo.

Palavras-chave: Biodemografia. Consanguinidade. Candelária. Açores.

SUMMARY: In this study, the evolution of the coefficient of apparent consanguinity in the parish of Candelária is analysed for a period of 100 years. The insular isolation of the Azores, in this case of St. Michael island, and the lack of good communications with the other parishes are the main responsables for the values of the coefficients of aparent consanguinity that have been found in this study.

Key-words: Biodemography. Consanguinity. Candelária. Azores.

INTRODUÇÃO

O arquipélago dos Açores é constituído por nove ilhas, situando-se entre os paralelos 36° 55' e 39° 45' N, e os meridianos 24° 45' e 35° 17' W. Considera-se que se encontra dividido em três grupos de ilhas, em função da sua localização relativa.

A ilha de São Miguel, a maior e mais populosa do arquipélago, pertence ao grupo oriental. Possui uma superfície de cerca de 1053 Km², um comprimento de aproximadamente 65 Km e uma largura máxima de 16 Km. Nesta ilha se localiza a freguesia da Candelária, objecto do presente estudo.

Mapa do movimento geral da população de 1581 a 1900

Decennios	Numeros exactos por decennios de						Medias por annos de		
	Casamentos	Nascimentos			Obitos			Fogos	Almas
		M.	F.	Total	< 7	> 7	Total		
1581-1590....	24	83	81	164	-	-	-	98	444
1591-1600....	44	89	80	169	-	-	-	104	456
1601-1610....	18	86	82	168	-	-	-	100	453
1611-1620....	49	87	91	178	-	-	-	106	480
1621-1630....	28	93	104	197	-	-	-	118	531
1631-1640....	23	107	101	208	-	-	-	124	561
1641-1650....	25	107	111	218	-	-	-	130	588
1651-1660....	28	105	108	213	-	-	-	127	515
1661-1670....	34	84	93	177	-	-	-	106	477
1671-1680....	31	104	101	205	-	-	-	123	553
1681-1690....	42	110	106	216	-	-	-	129	583
1691-1700....	34	119	111	230	-	-	-	138	621
1701-1710....	38	136	111	247	-	48	-	148	666
1711-1720....	47	116	123	239	-	52	-	143	645
1721-1730....	53	117	111	229	-	62	-	136	615
1731-1740....	51	123	115	238	-	80	-	142	612
1741-1750....	46	130	126	256	-	72	-	153	691
1751-1760....	58	125	124	249	-	107	-	149	672
1761-1770....	63	126	131	257	-	75	-	154	693
1771-1780....	35	134	127	261	93	46	139	156	704
1781-1790....	68	131	127	258	100	51	151	154	696
1791-1800....	41	129	130	259	93	57	150	155	699
1801-1810....	57	128	127	255	106	36	142	153	688
1811-1820....	65	127	124	251	109	100	209	150	677
1821-1830....	64	128	126	254	89	71	160	152	683
1831-1840....	60	144	134	278	123	73	196	166	730
1841-1850....	66	140	145	285	76	104	180	171	769
1851-1860....	55	117	144	288	103	55	158	172	777
1861-1870....	64	178	168	346	94	81	175	207	934
1871-1880....	96	198	192	390	116	121	237	234	1:053
1881-1890....	78	188	217	405	85	106	191	243	1:093
1891-1900....	92	236	232	468	114	107	221	280	1:263
Somma...	1:514	4:055	4:000	8:055	1:301	1:504	2:805	151	679

A freguesia da Candelária está situada a SW da costa da ilha de São Miguel e a WNW da cidade de Ponta Delgada, distando desta, por estrada, 18 Km. O agregado populacional da freguesia era inicialmente formado por 119 habitantes, distribuídos por 41 fogos. A partir da segunda metade do século XVI e até início do século XX, a evolução da população foi a apresentada no quadro I. Ao longo do século XX registou-se um decréscimo na população devido, em parte, ao surto migratório.

A escolha da freguesia da Candelária para este trabalho ficou a dever-se a vários factores, de entre os quais se destacam:

- 1 — A situação geográfica da freguesia, dado que $\frac{1}{3}$ da mesma é ocupado por matos e terrenos baldios que separam a população dos lugares que lhe ficam mais próximos.
- 2 — A estrutura social da população, que fazia prever um número elevado de casamentos consanguíneos.
- 3 — A existência de um trabalho publicado sobre a freguesia - «Monografia da Candelária» - que poderia constituir uma ajuda importante na análise dos resultados.

MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado neste trabalho é constituído pelos registos paroquiais de casamentos da freguesia da Candelária, referentes ao período de 1886 até 1985. Tendo em atenção a natureza dos dados, a contagem dos graus foi feita de acordo com a terminologia do direito canónico (Cruz, 1976).

Os casamentos consanguíneos são assinalados por uma dispensa de impedimento, concedida pela Igreja Católica. Consideram-se assim como «não consanguíneos» os casamentos que não necessitaram de licença (Cruz, 1973).

Os coeficientes de consanguinidade F, referentes aos vários tipos de casamentos consanguíneos encontrados, foram determinados a partir das árvores genealógicas respectivas, de acordo com a metodologia descrita por Brandão (1980). Os traçados das árvores genealógicas e seus coeficientes estão esquematizados na figura 1.

Até ao ano de 1918 era necessária a atribuição da dispensa de impedimento até ao 4º grau de consanguinidade; a partir de 1918 esta apenas é exigida até ao 3º grau de parentesco. Calcularam-se assim até 1918 dois tipos de coeficientes, a saber C_3 e C_4 , referentes respectivamente aos casamentos consanguíneos até ao 3º grau inclusive e até ao 4º grau inclusive. Este procedimento visa avaliar qual a importância dos casamentos de 4º grau para o cálculo do valor do coeficiente total.

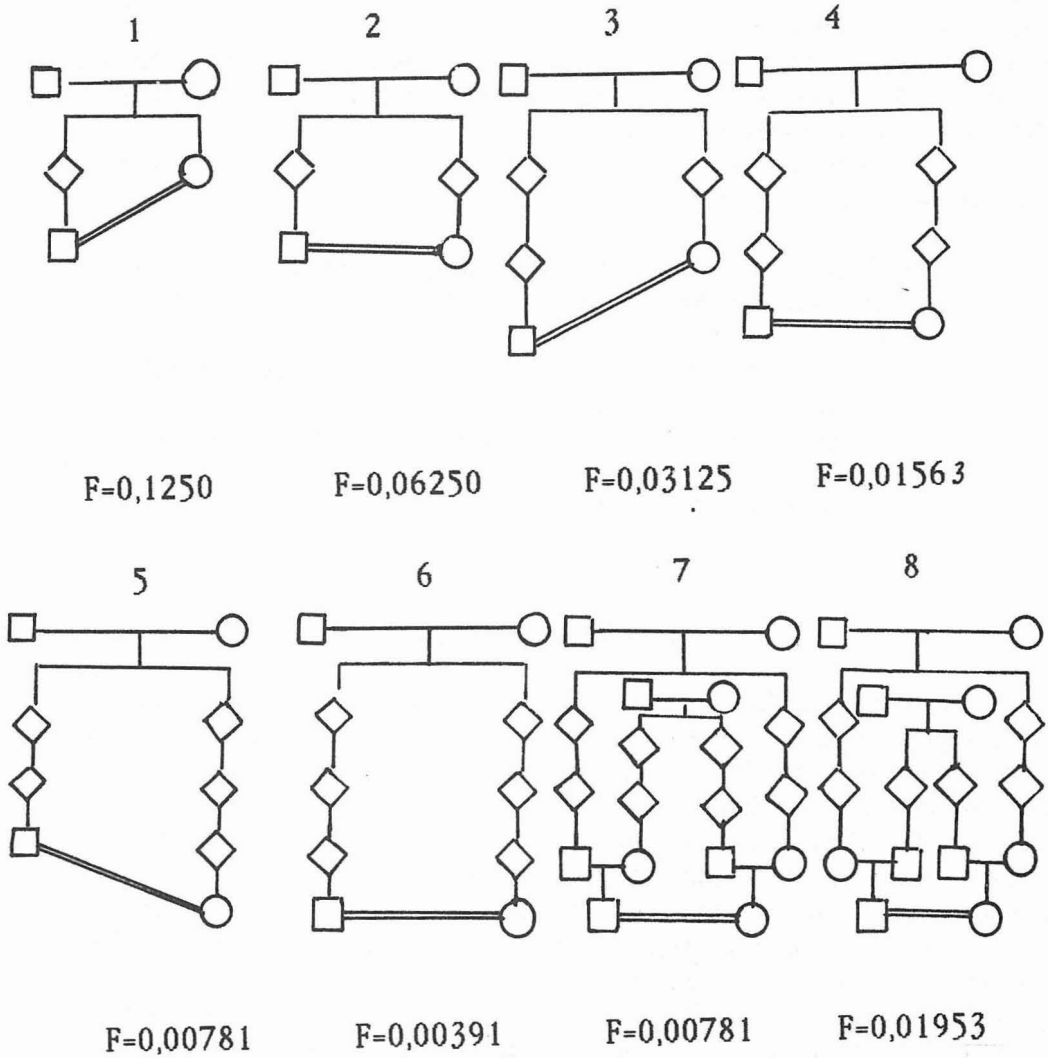


Fig. 1. Representação gráfica dos tipos de árvores genealógicas encontradas na freguesia da Candelária, e respectivos coeficientes de consanguinidade.

1 - 2^o G atingente ao 1^o G por um tronco; 2 - 2^o G por um tronco; 3 - 3^o G atingente ao 2^o G por um tronco; 4 - 3^o G por um tronco; 5 - 4^o G atingente ao 3^o G por um tronco; 6 - 4^o G por um tronco; 7 - 4^o G por 2 troncos; 8 - 4^o G por um tronco e 3^o G por outro.

RESULTADOS

Ao longo dos 100 anos estudados quer o número total de casamentos (não consanguíneos e sanguíneos), quer somente o número de casamentos consanguíneos apresentou-se oscilante. Contudo, apesar da oscilação verificada, as percentagens de casamentos consanguíneos podem ser considerados relativamente elevadas, quando comparadas com as de outras populações portuguesas já estudadas [Cruz (1973); Abade (1983); Cunha (1985), entre outros)].

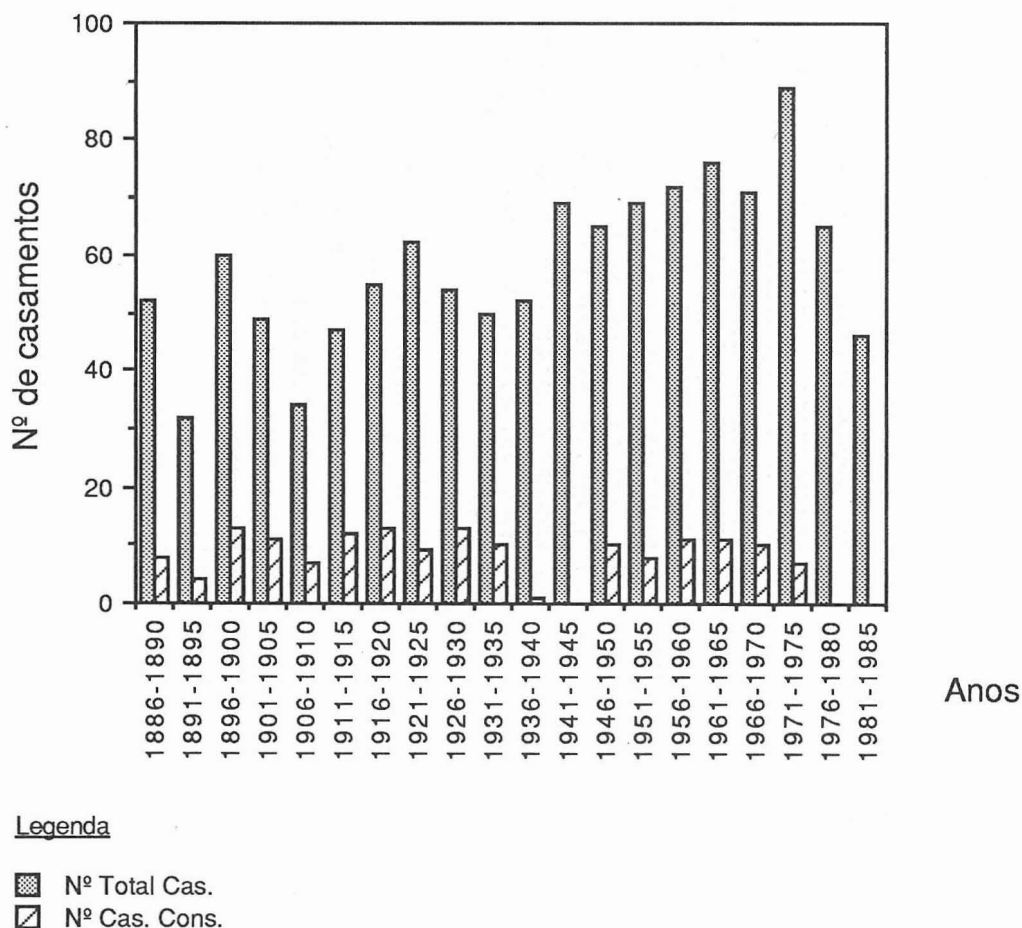


Fig. 2. Evolução do número total de casamentos e do número de casamentos consanguíneos.

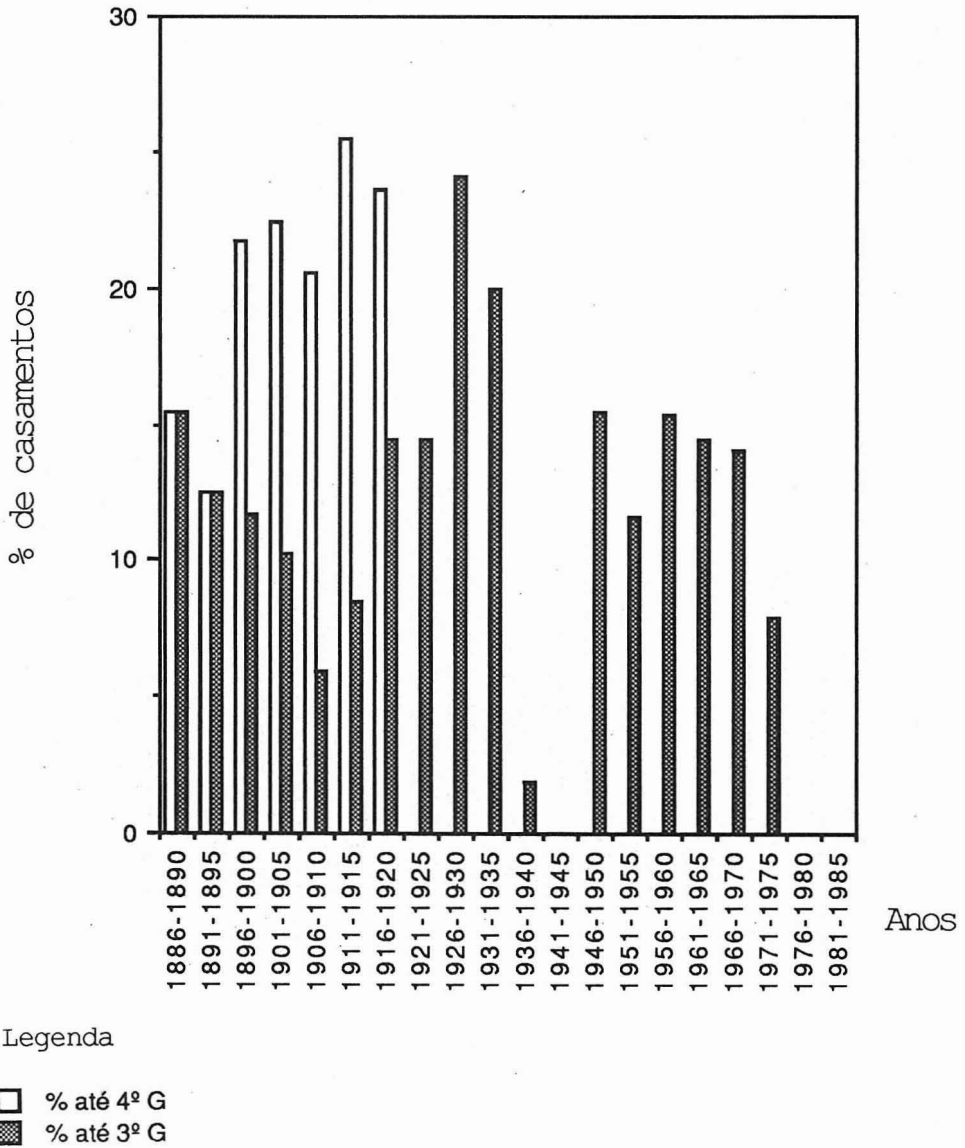


Fig. 3. Percentagem de casamentos consanguíneos por quinquênio.

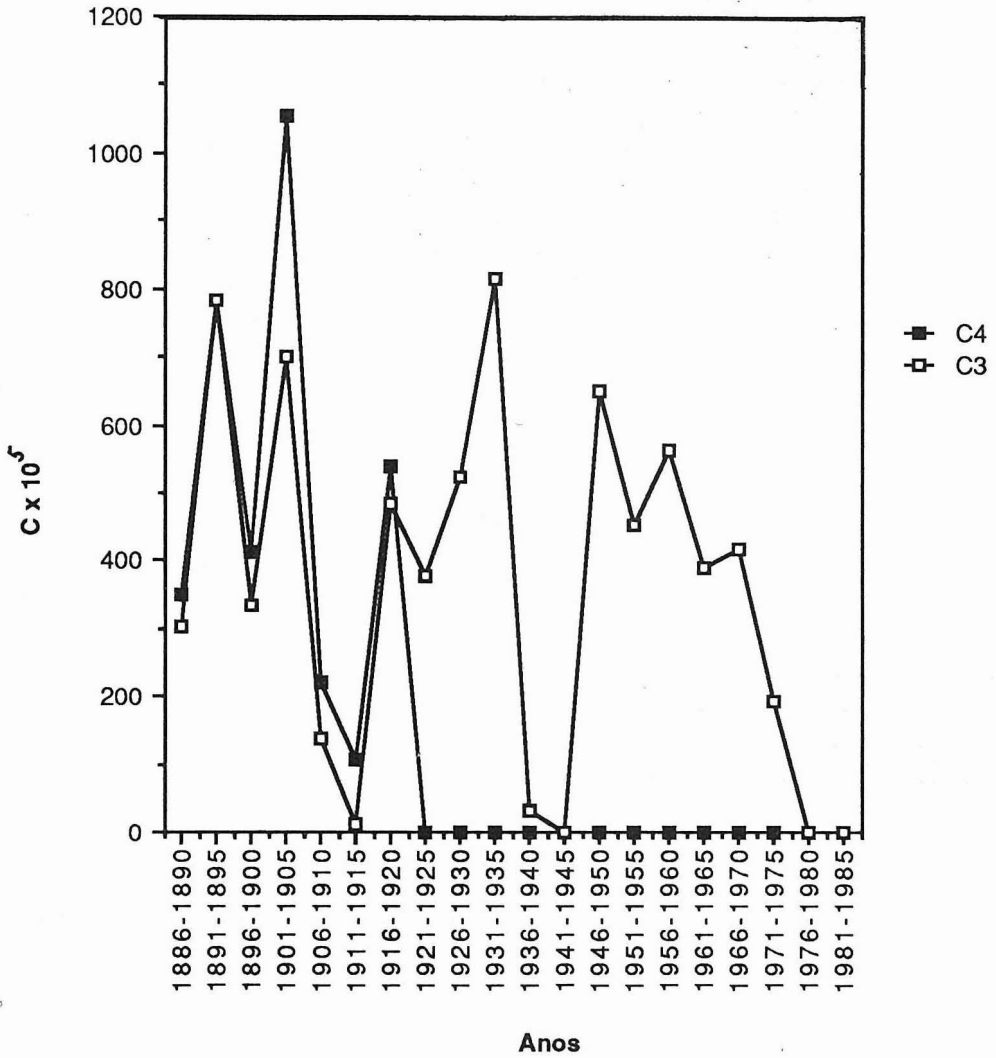


Fig. 4. Evolução do coeficiente de consanguinidade aparente da população.

PERÍODO	Nº TOTAL CASAMENTOS		CONSANG.		C ₃	C ₄	C ₃ x 10 ⁵	C ₄ x 10 ⁵	
	CASAM.	Até ao 3ºg. inc.		Até ao 4ºg. inc.					
		Nº	%	Nº					%
1886-1890	52	3	5,8	8	15,4	0,00304	0,00349	304	349
1891-1895	32	4	12,5	4	12,5	0,00781	0,00781	781	781
1896-1900	60	7	11,7	13	21,7	0,00334	0,00413	334	413
1901-1905	49	5	10,2	11	22,5	0,00702	0,01053	702	1053
1906-1910	34	2	5,9	7	20,6	0,00138	0,00219	138	219
1911-1915	47	4	8,5	12	25,5	0,00013	0,00105	13	105
1916-1920	55	8	14,5	13	23,6	0,00483	0,00539	483	539
1921-1925	62	9	14,5	-----	-----	0,00378	-----	378	-----
1926-1930	54	13	24,1	-----	-----	0,00522	-----	522	-----
1931-1935	50	10	20,0	-----	-----	0,00814	-----	814	-----
1936-1940	52	1	1,9	-----	-----	0,00030	-----	30	-----
1941-1945	69	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
1946-1950	65	10	15,4	-----	-----	0,00649	-----	649	-----
1951-1955	69	8	11,6	-----	-----	0,00453	-----	453	-----
1956-1960	72	11	15,3	-----	-----	0,00562	-----	562	-----
1961-1965	76	11	14,5	-----	-----	0,00391	-----	391	-----
1966-1970	71	10	14,1	-----	-----	0,00418	-----	418	-----
1971-1975	89	7	7,9	-----	-----	0,00193	-----	193	-----
1976-1980	65	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
1981-1985	46	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Quadro II. Número de casamentos e coeficientes de consanguinidade aparente por quinquênios.

C₃ e C₄ - Coeficiente de consanguinidade aparente da população, considerando os casamentos consanguíneos até ao 3º e 4º grau, respectivamente.

Durante o período de 1911 a 1915 a percentagem de casamentos consanguíneos atinge o valor de 25.5%. Somente a partir de 1956 se denota uma tendência para a diminuição dos casamentos consanguíneos, que culmina com a inexistência dos mesmos, nos dois últimos quinquênios estudados.

O tipo de casamento consanguíneo mais comum é o de 3º grau, seguido pelo casamento de 2º grau.

Analisando a evolução do coeficiente de consanguinidade, verifica-se que não é possível estabelecer para o mesmo uma tendência geral (por exemplo do tipo aumento-estabilização-decréscimo) ao longo do tempo, dado que os valores de C se apresentam fortemente oscilantes. Assim, é somente possível afirmar que a partir de 1966 o valor do coeficiente de consanguinidade tende nitidamente a baixar, sendo nulo desde 1976 até ao último ano estudado no presente trabalho.

Pode-se constatar que os casamentos de 4º grau contribuem de modo significativo para o valor do coeficiente de consanguinidade aparente total, isto se exceptuarmos o quinquénio de 1881-1885, durante o qual todos os casamentos consanguíneos realizados até ao 3º grau. De salientar, no entanto, que esta contribuição se situa aquém da apresentada por outras populações portuguesas (Abade, 1983). Isto não invalida o facto dos valores de C calculados a partir de 1918 deverem ser considerados menores que os reais, já que para eles não contribuem os casamentos de 4º grau.

DISCUSSÃO

A localização geográfica da freguesia da Candelária, a limitação da sua área, e o isolamento marcado que sofreu, nomeadamente até à construção de um caminho público (construção essa iniciada somente após 1900), foram certamente factores que influenciaram directamente os valores do coeficiente de consanguinidade encontrados (Cunha, 1985). De acordo com o trabalho de Lopes da Luz (1920), o isolamento fazia-se sentir até mesmo dentro da própria freguesia, devido ao relevo acidentado da mesma, que dificultava o acesso de umas casas às outras.

A emigração, fenómeno comum nos Açores (Cunha, 1986/88), constituiu necessidade impreterível para os habitantes da Candelária, dado o pequeno tamanho da paróquia e o facto da grande maioria dos terrenos que rodeavam a freguesia serem pouco rentáveis para o cultivo. Assim, nesta freguesia, a emigração deu-se para o Brasil até aproximadamente 1860. Após este período verificou-se um estacionamento do movimento migratório, estacionamento esse que durou quase 40 anos, após o que, em 1900, recomeçou a emigração para os Estados Unidos da América. Devido ao reduzido número de habitantes da freguesia, o movimento migratório terá tido marcada influência sobre o efectivo da população e, logo, sobre o número de indivíduos disponíveis para contraírem casamento. Lopes da Luz (1920) atribui precisamente à emigração o lento desenvolvimento em efectivos da população da Candelária durante mais de três séculos.

Os coeficientes de consanguinidade encontrados neste trabalho foram de algum modo previstos na obra «Monografia da Candelária»; no entanto, os valores da consanguinidade encontrados são, embora elevados, não tanto como os de certas regiões do continente português (Abade, 1983). É, contudo, marcada a preocupação de Lopes da Luz (1920) com a percentagem de casamentos consanguíneos, e com os efeitos que tais casamentos poderiam ter na descendência, sendo que este autor aponta uma percentagem superior a 50 para os casamentos consanguíneos até ao 4º grau, percentagem que é muito superior à mais elevada encontrada neste trabalho, e que é de 25.5 para o quinquénio de 1911-1915. Isto poderá ficar a dever-se ao facto de Lopes da Luz (1920) não ter baseado a sua estimativa em cálculos reais, mas tão simplesmente numa opinião pessoal. As suas afirmações realçam contudo o facto de que, ao considerar-se como consanguíneos somente os casamentos que necessitam de licença, o coeficiente de consanguinidade calculado é necessariamente mais baixo que o real.

BIBLIOGRAFIA

- Abade, A. 1983. Freguesia de Rio Onor. Estudo biodemográfico. I. Consanguinidade aparente. «*Antropologia portuguesa*», 1, p. 33-42.
- Brandão, C. 1980. Consanguinidade aparente da população do Concelho de Espinho. «*Trab. do Inst. de Antr. da Fac. Ciênc. do Porto*», 38, p. 3-20.
- Cruz, J.A.M. 1976. Cálculo do coeficiente de endocruzamento ou de consanguinidade aparente de uma população. «*Trab. do Inst. de Antr. da Fac. Ciênc. do Porto*», 30, p. 3-13.
- Cruz, J.A.M. 1973. Consanguinidade aparente e sua evolução na ilha de Porto Santo. «*Trab. do Inst. de Antr. da Fac. de Ciênc. do Porto*», p. 3-12.
- Cunha, E. 1986-88. Consanguinity in the Azores Islands 1979-1985. «*Antropologia Portuguesa*», 4/5, p. 67-79.
- Cunha, E. 1985. Étude de la consanguinité et son évolution dans quelques zones isolés de S. Miguel (Azores). «*Comunicação no 17º Colóquio dos Antropólogos de Língua Francesa*», Toulouse.
- Luz, A.J.L. 1920. Monografia da Candelária. «*Arquivo dos Açores*», vol. XIII, p. 209-313.